

À PROFESSORA ROSILENE MARIA ALVES PEREIRA, COM CARINHO!

Maria de Jesus dos Santos¹

Teresina, dezembro, verão de 2020, ano pandêmico.

Alguns humanos possuem um excêntrico modo de existência e não guardam para si aquilo que sabem; anunciam e entregam para o outro o que aprenderam, o que trazem consigo; são uma espécie de ponte ancestral entre sucessivas gerações; parecem ter herdado de Hermes, Mercúrio, Agni, um espírito que lhes impulsionam a conceder àqueles com quem convivem sabedoria, aprendizado. Uns assumem-no como missão, outros convertem isso em ofício e se transformam em educadores e professores. Rosilene Maria Alves Pereira assumiu o ofício de ser professora universitária ainda muito jovem, e, algumas gerações de alunos do curso de Licenciatura em filosofia da Universidade Federal do Piauí, testemunham esse legado de forma substantiva desde 1993.

Nas disciplinas do currículo antigo: filosofia social, filosofia política, teoria do conhecimento, História da Filosofia IV (filosofia contemporânea), IMC, e outras tantas do currículo novo que não consigo nomear agora, na gestão do curso e em disciplinas das especializações, seu trabalho é intenso e marcante. Para aqueles que fizeram o curso entre 2000 e 2004, que é o meu caso, Rosilene talvez tenha sido a docente que mais assumiu disciplinas; para todos nós ela foi referência, suporte, apoio e amizade. Também é signo de simplicidade e de delicadeza. Embora ativa, não se expõe ou gosta de aparecer, sua discrição lhe faz silenciosa e dona de um olhar que desconcerta aqueles/aquelas afeiçoados ao falatório.

Se considerarmos que a prática educativa envolve e se consubstancia, necessariamente, em pilares éticos, epistemológicos e estéticos, as atividades, o modus de fazer e ser que Rosilene empreendeu e empreende como educadora, fazem resplandecer elementos dessa tríade. Sua responsabilidade, valores, postura, o compromisso, as escolhas no modo de conduzir e realizar atividades docentes, e, os juízos quanto ao que ensinar e para que fazê-lo numa sociedade globalizada, com acesso a meios de comunicação de massas, a redes de informação, às mídias digitais e ainda com altos índices de analfabetismo e exclusão, são notáveis e indiscutíveis; Rosilene conduz suas disciplinas de forma exemplar, com uma organização de trabalho docente primorosa e simples, que evidencia planejamento prévio e conhecimento da realidade do corpo discente. Em minha época mantinha uma sequência rotineira nas aulas: recomendava leitura dos textos, dos próprios autores ou de bons comentadores (anote-se que já defendia e orientava a leitura dos autores mesmos); construía uma nota de aula e imprimia para os alunos; extraía os pontos relevantes dos textos e fazia um esquema deles no quadro, e, a partir disso, expunha e dialogava com todos os presentes, em geral chamando-os pelos nomes, lhes possibilitando

¹ Graduada e Mestre em Filosofia pela UFPI. Doutora em Educação pela FE-USP. Professora do Departamento de Fundamentos do Ensino no CCE / UFPI.

a fala e ouvindo-os com espírito aberto e desarmado, era tão democrática quanto a isso, que alguns alunos mais empolgados usavam a palavra em demasia. Entretanto e apesar desse acolhimento da fala do outro, ocorria certa assimetria em sala de aula, porque sem alardear ou se exhibir, sabia muito mais que nós, demonstrava muita leitura, trazia os livros dos autores sobre os quais tratava para sala, com fragmentos marcados para pôr em relevo e aprofundar alguns pontos do debate, indicava e recomendava outros textos, fazia articulações entre os autores e suas ideias, nos mostrava proximidade e disjunções, procurava evidenciar os pontos de conflitos em suas miudezas, mas, fazia tudo isso sem nenhum traço de autoridade (autoritária) e de vaidade.

Rosilene não é ácida as coisas que se acirram na academia, o jogo de poder, as disputas inescrupulosas, o produtivismo exacerbado; o saber poder e os regimes de verdade que critica não lhe contaminam; a sensibilidade dessa mestra não faz repercutir na educação a sociedade do poder e do controle, nem reproduz em suas práticas as desigualdades amalgamadas na esfera social, ao contrário, seu agir faz resplandecer princípios de justiça, respeito e liberdade e, assim, acolhe do forma serena os diferentes modos de existência que são visíveis no espaço universitário, talvez busque está em consonância com aquilo que defendera seu mestre – Michel Foucault, teórico para o qual voltou seu olhar e se demorou, no mestrado e no doutorado. Esse autor é sua cachaça, seu vício. A prova dessa afirmação se manifesta, a meu juízo, na base epistemológica a partir da qual organiza os conteúdos de suas disciplinas: ela pressupõe e respeita um horizonte histórico ou historicista (sem abraçar uma linearidade), respeita essa lógica com certo rigor, traz os pensadores e suas ideias, categorias, sistemas ou perspectivas, mas, na parte final de suas disciplinas, “puxa sardinha” para as ideias foucaultianas, quer sejam ligadas ao que se denominou de fase arqueológica ou à fase genealógica do seu pensamento, isso equivale a afirmar: para Rosilene Foucault é um pensador que teoricamente pode dá conta do campo ético, político e do epistemológico, ou seja, as ideias do filósofo francês podem ser luz pujante para os problemas e questões destes três campos, sem causar nenhuma ruptura interna ou criar paradoxos.

Todavia, sua paixão por Foucault não significa negligência aos clássicos ou não conhecimento das ideias de muitos autores. A disciplina do currículo antigo, História da Filosofia IV, demandava muito aprofundamento nas obras de filósofos dos séculos XIX e XX, tarefa hercúlea para apenas um professor, e, diante de tamanho desafio, reconhecíamos seu esforço e espírito investigativo para lidar com um número tão descomedido de ideias quase sempre conflitantes, haja visto ser um tempo de intensa produção filosófica, e, do florescer de muitas correntes de pensamento, muitas delas antagônicas. Recordo-me de modo especial de sua dedicação e empenho ao trabalhar uma obra de David Hume, Ensaio sobre o entendimento humano, na disciplina Teoria do conhecimento I e, de como, ao mesmo tempo, nos apresentou à novas ideias acerca do conhecimento e da verdade com as quais não estávamos acostumados a lidar; através de um texto do professor Luís Henrique Dutra (UFSC), iniciou uma discussão sobre as diferentes teorias da verdade e nos alertou sobre a fertilidade desse tema no resto do Brasil e no mundo anglo-americano, novidade sobre a qual nenhum de nossos professores tratavam na época.

Ser mulher, jovem, professora de um campo marcadamente androcêntrico, que precisou realizar uma formação em exercício, longe de casa, da família (pela qual sempre demonstrou profundo afeto e cuidado; fazer mestrado em São Paulo, na PUC, sob orientação de Salma Muchail e, doutorado em Minas Gerais, UFMG, sob orientação de Ivan Domingues, e, seguir na profissão docente com todas as vicissitudes inerentes a ela, deve ter imposto à professora Rosilene Maria Alves Pereira desafios profundos, para vida, para o corpo, para alma. “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é”. Contudo, ela segue bravamente, permanece trilhando os caminhos do ofício que escolheu bem moça e

vai fazendo aquilo que lhe apraz- SER PROFESSORA DE FILOSOFIA, é assim que deve ser reverenciada e reconhecida.

Com estas palavras lhe envio afetos que não são apenas meus, mas dos muitos alunos que lhe encontraram pelo caminho, que são gratos e mantêm por vós profundo respeito.